

Por uma identidade docente antirracista: o percurso acadêmico de jovens estudantes negras em um curso de Geografia

**Por una identidad docente antirracista: la trayectoria
académica de jóvenes estudiantes negros en un curso
de Geografía**

**For an anti-racist teaching identity: the academic path
of young black students in a Geography course**

GABRIELA BORBA BISPO DOS SANTOS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,
RS, Brasil
gabrielasantos1996@hotmail.com

VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,
RS, Brasil
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

As pesquisas acerca da formação inicial docente, das juventudes, das questões de gênero e das questões raciais são muito relevantes, visto que conseguimos compreender como está sendo desenvolvida a formação de professores, bem como os desafios que as jovens mulheres negras enfrentam nos desdobramentos de sua formação profissional. O objetivo central buscou analisar como é constituído a identidade docente nos desdobramentos da formação inicial em Geografia, visando compreender os desafios envolvidos nesse processo. Como estratégia metodológica, foram efetuadas duas entrevistas estruturadas, tendo aproximadamente uma hora de duração com as sujeitas da pesquisa. Como resultados, as participantes apontaram a significância de abordar as questões raciais em sala de aula, trazendo os próprios territórios negros que existem na cidade como exemplo prático. Sendo assim, essa pesquisa contribui para o campo de pesquisa da Geografia e da Educação, visto que os temas abordados fazem parte de suas áreas, mas com vieses dessemelhantes.

Palavras-chave: Geografia; Formação inicial docente; Juventudes; Questões de gênero; Questões raciais.

Pesquisar, Florianópolis, v.
12, n. Ed. Esp. Dossiê:
Juventudes e Educação
Geográfica, p. 29-56, jul.
2025.

Resumen

Las investigaciones sobre la formación inicial docente, las juventudes, las cuestiones de género y las cuestiones raciales son muy relevantes, ya que nos permiten comprender cómo se está desarrollando la formación de los profesores, así como los desafíos que enfrentan las jóvenes mujeres negras en el desarrollo de su formación profesional. El objetivo central buscó analizar cómo se constituye la identidad docente en los desarrollos de la formación inicial en Geografía, buscando comprender los desafíos involucrados en este proceso. Como estrategia metodológica se realizaron dos entrevistas estructuradas, de aproximadamente una hora de duración, a los sujetos de investigación. Como resultado, los participantes señalaron la importancia de abordar las cuestiones raciales en las aulas, poniendo como ejemplo práctico los territorios negros que existen en la ciudad. Por lo tanto, esta investigación contribuye al campo de investigación de la Geografía y la Educación, ya que los temas tratados forman parte de sus áreas, pero con diferentes sesgos.

Palabras clave: Geografía; Formación inicial docente; Juventud; Cuestiones de género; Cuestiones raciales.

Abstract

Research on initial teacher education, youth, gender issues, and racial issues is highly relevant, as it allows us to understand how teacher training is being developed, as well as the challenges that young Black women face in the course of their professional education. The central objective sought to analyze how teaching identity is constituted in the developments of initial training in Geography, aiming to understand the challenges involved in this process. As a methodological strategy, two structured interviews were carried out, lasting approximately one hour, with the research subjects. As a result, the participants pointed out the significance of addressing racial issues in the classroom, bringing the black territories that exist in the city as a practical example. Therefore, this research contributes to the research field of Geography and Education, since the topics covered are part of their areas, but with different biases.

Keywords: Geography; Initial teacher training; Youth; Gender issues; Racial issues.

Introdução

A formação inicial docente é uma temática muito importante dentro do meio acadêmico na medida em que é discutido como está sendo desenvolvido a formação de professores, assim como os processos que abarcam o campo da educação. Diante disso, é relevante pensarmos que a formação oferecida nos cursos de graduação em licenciatura deve ser qualificada para que os discentes consigam exercer a profissão no futuro adequadamente. Nos desdobramentos destes cursos, é notório a constituição de novos professores com o pensamento reflexivo e crítico, bem como estão preocupados em manter atualizado suas práticas ao longo da sua carreira. Batista, David e Feltrin (2019, p. 5) dialogam com a afirmação anterior quando colocam que: “Entretanto, essa formação não é concluída com a entrega do diploma de licenciado. A formação docente ocorre por toda a vida do professor e está vinculada aos desafios e inquietudes que permearão sua atuação profissional”. Desta forma, compreendemos as experiências e as investigações realizadas são um processo dinâmico durante a formação inicial e continuada, contribuindo para suas qualificações. Os autores também destacam o quanto é significativo a participação dos alunos de graduação em

espaços extracurriculares de aprendizagem, como a Residência Pedagógica e o PIBID, pois além de enriquecer a sua formação, também conseguem articular melhor a teoria com a prática.

Por outro lado, a formação inicial de professores enfrenta alguns desafios como as questões curriculares, ocasionando a desarticulação entre os saberes teóricos e práticos, principalmente, entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. Ao longo da graduação, os estudantes aprofundam-se acerca dos debates teóricos nas disciplinas obrigatórias e eletivas da ciência geográfica, contudo, poucos docentes abordam esses conteúdos atrelados ao ensino e isso afeta diretamente na maneira em que esses assuntos serão ensinados no ensino básico. Também é relevante ressaltar a falta de articulação entre as disciplinas de cunho pedagógico e a prática docente, uma vez que há um certo afastamento das diferentes realidades, isto é, ler um texto e debater sobre pessoas com deficiência é um fator, a partir do momento em que se está na instituição de ensino e que não há recursos para lidar com determinados acontecimentos com estes indivíduos é outro fator. Landim Neto e Barbosa (2010) afirmam que a atuação dos professores de Geografia apresenta algumas dificuldades quanto ao seu ensino, tornando-os muitas vezes dependentes do livro didático e reforçando o olhar de que esta disciplina é de caráter memorística e desinteressante. Entretanto, Callai (2020) e Cavalcanti (2013) nos convidam a pensar que para que os alunos tenham aprendizagens significativas, é necessário saber para quem irá ensinar e abordar a Geografia da vida nas aulas, visto que a escola reflete a vida deles e estes experimentam a Geografia todos os dias e de diferentes formas, basta que nós professores saibamos fazer uma transposição didática entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar.

O campo de pesquisa das juventudes tem crescido significativamente no meio acadêmico, possibilitando uma compreensão mais profunda sobre como os jovens estabelecem suas redes de sociabilidades e os laços de pertencimento com os lugares que frequentam. As juventudes têm como principal característica a heterogeneidade, o que significa que cada indivíduo ou grupo de jovens se comporta de diversas maneiras, assim como se apropriam dos espaços também de forma distinta, evidenciando o universo de disparidades que os envolvem. Além disso, as pesquisas e debates sobre esse campo de pesquisa são muito relevantes na medida em que temos a possibilidade entender como os jovens interagem com as diferentes esferas ao seu redor, bem como podem auxiliar e promover a elaboração de políticas públicas voltadas para o seu desenvolvimento na área da educação, da saúde, de sua participação política, do seu bem-estar, entre outros quesitos.

No contexto brasileiro, ser jovem negro é desafiador porque estamos mergulhados em um sistema que é racista e excludente em diferentes setores, tendo esses sujeitos o acesso limitado em relação a educação e ao mercado de trabalho, por exemplo, em

função dos preconceitos raciais. Gonzalez (2020, p. 45) corrobora com essa colocação ao afirmar que:

Em um país onde, em termos de mercado de trabalho, a procura é maior do que a oferta e onde existe uma divisão racial do trabalho, a situação da juventude negra é, obviamente, a do setor mais atingido pelo desemprego aberto ou disfarçado. Graças ao racismo e às suas práticas, essa juventude se encontra numa situação de desvantagem em termos de educação, de trabalho e até mesmo de lazer.

Os preconceitos raciais reforçam as desigualdades, bem como limitam o acesso e a ocupação dos diferentes espaços para as pessoas negras. Nesse sentido, as políticas públicas desempenham um papel indispensável na promoção da igualdade racial, no combate ao racismo estrutural e a necropolítica de estado (Mbembe, 2018), a qual afeta principalmente os jovens negros do gênero masculino (Lemos *et al.*, 2017).

O movimento feminista, por sua vez, amplia os debates sobre as questões gênero uma vez que ambos têm como objetivo a promoção da igualdade de gênero na sociedade, assim como viabiliza a sororidade entre as mulheres e o seu empoderamento. O feminismo é um movimento que passou por diversas transformações. Tradicionalmente essas transformações são interpretadas como ondas. Costuma-se contabilizar até 4 ondas, as quais avançaram com diferentes reivindicações. Apesar das diversas mudanças ao longo do tempo, o ponto fulcral desse movimento sempre foi a luta contra opressão patriarcal. Entre as várias correntes de pensamento que surgiram dentro do feminismo, uma das mais significativas foi o surgimento do feminismo negro. Até a chegada da segunda onda feminista, as questões raciais não eram uma pauta em discussão, de modo que o movimento contemplava somente a demanda de mulheres brancas de classe média ou alta. Foi nesse contexto desigual que o feminismo negro surgiu de maneira contestatória, uma vez que as mulheres negras não se enxergavam dentro do movimento feminista. Sobre isso, Hooks (2020, p.17) versa que:

Era o silêncio do oprimido: aquele profundo silêncio engendrado de resignação e aceitação perante seu destino. Não era possível para mulheres negras contemporâneas se juntarem para lutar pelos direitos das mulheres, porque não víamos “mulheridade” como aspecto importante da nossa identidade. A socialização racista e sexista nos condicionou a desvalorizar nossa condição de mulher e a considerar raça como o único rotulo relevante de identificação.

Sendo assim, fica evidente que as mulheres negras enfrentaram dificuldades para se integrar ao movimento devido às perspectivas sexistas e racistas, que as levavam a entender que sua identidade principal não era ser mulher, mas sim sua raça. Souza *et al.* (2021) afirmam que o sexismo e o racismo são interligados nas vivências das mulheres negras, promovendo, infelizmente, limitações nas mais diversas oportunidades, principalmente no mercado de trabalho, no acesso à educação e a saúde de qualidade.

Entender o tema acerca das questões raciais é de extrema importância, pois nos leva a compreender como os preconceitos e as desigualdades prejudicam a população negra em várias frentes. Portanto, a luta contra o racismo é um esforço coletivo que requer medidas destinadas a promoção da igualdade e da justiça social. Embora as doutrinas eugênicas no Brasil não tenham alcançado sucesso no processo de embranquecimento da população, elas foram eficazes em perpetuar a aversão ao povo negro. Portanto, são traços de nossa sociedade existentes até hoje e que se constituem dentro do racismo estrutural. Um exemplo concreto dessa questão é o caso de Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira. Ao olharmos seus registros fotográficos, notamos que a tonalidade de sua pele foi mudada, visto que ele era um homem negro, mas as fotos durante muito tempo não refletiram essa realidade. Também cabe lembrar que a injúria racial passou a ser tipificada como crime de racismo recentemente, com a Lei 14.532/2023 (Brasil, 2023).

A presente pesquisa buscou analisar como é constituído a identidade docente nos desdobramentos da formação inicial em Geografia, visando compreender os desafios envolvidos nesse processo, além de estabelecer um diálogo com campo de pesquisa das juventudes, das questões de gênero e das questões raciais.

Referencial teórico

A formação inicial de professores de Geografia trata-se de um processo que envolve uma comunhão entre os saberes teóricos e práticos dentro do período da graduação do curso de Geografia. A formação inicial se diferencia da formação continuada, na medida em que esta última se refere às formações posteriores à graduação, como os mestrados e doutorados, por exemplo. A relação entre a formação inicial e a continuada se demonstra fundamental, na medida que é uma maneira de os professores se atualizarem acerca de sua prática profissional. A formação inicial de professoras de Geografia, no entender de Castrogiovanni e Vallerius (2022, p. 134), deve compreender:

Para o enfrentamento dos múltiplos desafios que se impõem na trajetória formativa dos professores, defendemos que a formação de professores (acadêmica e continuada) deve ser balizada em uma perspectiva crítica-reflexiva-complexa e na construção de uma escola que verdadeiramente forme o sujeito para a participação social consciente e solidária (cidadã), onde as verdades são muitas e as dúvidas são constantes.

Em suma, uma formação inicial qualificada incita o profissional da educação a preocupar-se em refletir e criticar constantemente sobre a realidade política e social em que vivemos, assim como nas suas práticas docentes, pois quando o autor assinala que as verdades são muitas e as dúvidas são constantes, significa que todas essas práticas são dinâmicas. Também é significativo quando promovem novos debates para melhorar as grades curriculares das universidades, por exemplo. Dado que há um distanciamento

considerável entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar (Dias e Rockenbach, 2016).

A falta de articulação entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar nos desdobramentos da formação inicial ainda é uma questão latente, visto que os estudantes apresentam dificuldades para estabelecer relações entre elas, bem como reflete na sua prática docente. Cavalcanti (2011, p.9) assinala a importância desses dois eixos quando diz:

Dessa forma, investir na problematização da Geografia escolar como um eixo comum às disciplinas de todo o curso de formação pode resultar em boa efetivação da meta de construção de conhecimentos geográficos mais significativos para o professor de Geografia, o que por sua vez lhe dará mais competência para atender às demandas de sua atividade profissional.

Portanto, a contemplação da Geografia Escolar ao longo de todas as disciplinas se mostra pertinente, pois estimula a interdisciplinaridade dentro da própria Geografia e permite uma melhor compreensão dela, assim como qualifica o trabalho e a identidade docente. Copatti e Callai (2018) corroboram com o debate anterior quando manifestam que é fundamental que na formação inicial de professores seja estimulada nos discentes a prática do ensino e da aprendizagem da Geografia Escolar, visto que isso é indispensável para a constituição de uma formação consistente a partir da ciência geográfica, bem como possibilitará uma melhor transposição didática no processo de aprendizagem dos alunos e contribuindo para sua formação cidadã.

Como contraponto da ideia anterior, Castellar (2006) nos convida a refletir que durante muito tempo a Geografia era ensinada de maneira superficial e com caráter memorístico – fruto da corrente de pensamento da Geografia Tradicional – e isso reforça mais uma vez a importância da Geografia Escolar, sendo uma ponte entre a didática e a epistemologia da Geografia.

A pesquisa na formação inicial docente é muito significativa na medida em que nos estimula a pensar, a questionar e aprender sobre as diversas áreas do conhecimento através de uma leitura atenta e crítica das referências teóricas, tornando-se uma importante metodologia de ensino (Pontuschka, 2010). Na pesquisa também temos a possibilidade de (re)aprender novas metodologias de ensino, bem como identificar os desafios presentes nos desdobramentos da formação inicial. Desta maneira, os Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica (IC) e à Docência (PIBID) tem um papel importantíssimo na formação inicial de professores de Geografia em razão proporcionar uma aproximação com a pesquisa, como executá-la, além de oportunizar um conhecimento teórico mais aprofundado em uma área atrelada com a práxis (Melo e Lyra, 2020).

Pais (2003, p. 98), uma das mais importantes referências mundiais no campo das juventudes, nos diz que “[...] a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de

juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados". Sendo assim, a heterogeneidade dos jovens é um compilado de características e experiências diversas, por isso não devemos padronizá-los. Compreender a diversidade dos jovens nos possibilita observar suas diferentes realidades na vida cotidiana e que suas manifestações ocorrem individualmente e coletivamente, sendo a segunda mais percebida quanto ao modo como agem e são percebidos nos espaços que criaram seus referenciais de identidade.

Tendo a heterogeneidade como um dos principais pilares desse campo de pesquisa, verifica-se variadas maneiras de expressões juvenis, que se estabilizam enquanto cultura, ou seja, as culturas juvenis. Sobre isso Feixa (1998, p. 32), diz que:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional.¹

As culturas juvenis são um fenômeno importante nos estudos das juventudes, na medida que são a expressão de disparidades entre os diferentes grupos juvenis, bem como nos diz respeito a nossa sociedade, na medida em que esta os influencia também.

O feminismo negro, por sua vez, destaca a importância da questão racial, a qual por muito tempo foi deixada de lado dentro do movimento feminista. Isso abriu portas para o surgimento de diversas autoras que abordam a necessidade de discutir essa temática. Conforme Gonzalez (2020, p. 141) versa que:

Exatamente porque tanto o sexism como o racismo partem de *diferenças biológicas* para se estabelecerem como ideologias de dominação. Surge, portanto, a pergunta: como podemos explicar esse ‘esquecimento’ por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como *racismo por omissão* e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista.

Sendo assim, o preconceito sexista e racial está intrinsecamente ligado, originando-se das diferenças biológicas entre os indivíduos e tornando-se uma poderosa ideologia de dominação que fomenta a desigualdade e a opressão tanto das mulheres quanto dos homens negros (Carneiro, 2019).

No contexto brasileiro, a consolidação dos movimentos sociais negros desempenhou um papel significativo para combater a segregação racial, destacar o racismo na sociedade, fortalecer a cultura afro-brasileira, e promover a implementação de políticas de ações afirmativas. Essas iniciativas resultaram no aumento da representatividade de pessoas negras nas universidades e outros espaços onde não havia a sua presença. Por muito tempo, infelizmente, a população negra não teve acesso à educação em razão da discriminação racial por parte da sociedade e isso colaborou

¹ Num sentido amplo, as culturas juvenis referem-se à forma como as experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente através da construção de estilos de vida distintos, situados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional [tradução nossa].

fortemente para o aumento da desigualdade social entre os indivíduos pretos. Nesse sentido, Silva (2007, p. 495) assinala que:

[...] a situação dos africanos escravizados, de seus filhos e descendentes. A eles foi negada a possibilidade de aprender a ler, ou se lhes permitia, era com o intuito de incutir lhes representações negativas de si próprios e convencê-los de que deveriam ocupar lugares subalternos na sociedade.

Diante disso, é notório que essa limitação que foi imposta para esse grupo étnico ocasionou a desigual distribuição de oportunidades, por exemplo, no campo educacional e no mercado de trabalho e quando permitida, era apenas para reforçar estereótipos pejorativos sobre eles. Com a implementação da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), foi determinado a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no ensino básico, a qual visa o reconhecimento da população negra na formação da sociedade brasileira e possibilita o debate sobre preconceito e discriminação racial. Hooks (2017) nos faz refletir que a escola deveria ser um lócus de empoderamento coletivo e de transformação social. Pois, nessa perspectiva, os docentes podem promover debates que visam refletir questões sociais como o do racismo e do antirracismo, bem como oportuniza a produção de conhecimento, o protagonismo e a cidadania política das minorias étnicas.

Metodologia

O presente trabalho se valeu de uma abordagem qualitativa, a qual possibilita uma investigação mais aprofundada e dos participantes, o que contribui para uma maior compreensão do objeto de estudo em que está sendo investigado. Além disso, essa pesquisa também se caracteriza como exploratória, permitindo uma imersão mais próxima ao problema, com o intuito de evidenciá-lo ou formular hipóteses. Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo adotou uma abordagem de estudo de caso, o que envolveu uma análise detalhada de alguns elementos, o que permitiu a obtenção de um conhecimento mais aprofundado (Gil, 1999). Nos desdobramentos da pesquisa, foram confeccionadas entrevistas estruturadas com um grupo de sujeitos (Dencker, 2000).

As participantes da pesquisa foram as alunas do Curso de Licenciatura em Geografia da referida instituição², que estão realizando sua formação inicial e que se encontram dentro da faixa etária considerada como jovem. É importante ressaltar que foram selecionadas apenas as alunas que se identificaram como negras, visto que o recorte racial é um dos elementos centrais da pesquisa.

Como percurso metodológico, a pesquisa utilizou de entrevistas estruturadas, as quais foram conduzidas com as participantes do estudo e tiveram uma duração média de uma hora. Segundo Gil (2008), a entrevista é uma “[...] técnica em que o investigador

² De acordo com dados da própria Universidade (referência omitida para fins de garantia do anonimato), o curso de Geografia da instituição conta com número em torno de 35% de estudantes mulheres.

se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação". Neste estudo, as entrevistas tiveram a finalidade de captar os relatos das participantes sobre suas experiências pessoais ou expectativas relacionadas ao tema em estudo, assim como para observarmos suas opiniões, observações e críticas.

No que se refere à análise dos dados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977), que consistiu na organização das entrevistas seguida pela codificação e categorização dos dados obtidos. Após a transcrição das entrevistas, foi realizada a análise dos dados, selecionando as falas mais latentes de cada entrevistada, assim como foram elaboradas nuvens de palavras e quadros esquemáticos.

Quanto aos cuidados éticos, o presente trabalho cumpriu todos os requisitos que atende à resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a instituição assinou o Termo de Anuência (TA) para a realização desta pesquisa. As sujeitas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da entrevista. Para assegurar a privacidade e confidencialidade das participantes, foi trocado os seus nomes verdadeiros para o de algumas mulheres negras que foram importantes no Brasil. Ao final da entrevista, foi disponibilizado um material com uma breve biografia de cada uma das mulheres para as participantes da pesquisa escolherem qual delas gostariam que fossem sua representação.

Resultados e discussões

Uma vez finalizadas as entrevistas, foi mostrado um material na qual as jovens participantes tiveram a oportunidade de escolher qual mulher negra importante no Brasil seria sua representação nesta pesquisa. A primeira entrevistada, optou por escolher Aqualtune; já a segunda, teve preferência pela Tereza de Benguela. Sob a perspectiva da caracterização das alunas, respectivamente, elas têm 26 e 27 anos, as duas moram no mesmo município, bem como não trabalham fora do ambiente universitário na medida em que participam de bolsas que tem caráter de dedicação exclusiva na universidade em que estudam.

Através da pergunta "você percebe que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens? Por quê?", as participantes trouxeram duas visões diferentes de como identificam o curso. Isso demonstra que o turno em que estudam tem uma predominância diferente quanto ao seu público e podemos identificar isso nas suas falas:

"Eu percebo sim que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens, por exemplo, quando eu passei em 2018/1, não passou uma pessoa que tivesse mais do que 29 anos. Inclusive, eu tinha colegas de 16, 17 anos, enquanto eu tinha 21. Então eu percebo sim que o curso de Geografia é um curso de pessoas jovens, mas demarcando a questão turno. Eu passei no diurno, então se tem uma perspectiva que as pessoas que entram no diurno são mais jovens." – Aqualtune

“Eu percebo que sim e que não, pelo menos noturno. Eu acho que o curso de geografia ele não é um curso só jovem. Porque ele também desperta esse interesse nos adultos e nos idosos. Tanto que agora eu tô com uma colega e ela tem 75 anos, é formada em Geografia na USP e tá fazendo estágio 2 comigo e é do meu grupo.” – Tereza de Benguela

Em vista disso, percebemos que no curso diurno os alunos são mais jovens e que conseguiram ingressar na Universidade logo após a conclusão do ensino médio, isto é, pelo menos uma parcela deles. Também é significativo ressaltar que muitos jovens estudantes não possuem ainda a responsabilidade de ter que estudar e trabalhar simultaneamente e, por esse fator, possivelmente optaram pelo período diurno. Um item interessante a ser debatido é que durante a fala da entrevistada, foi possível captarmos que nas aulas da pós-graduação a presença de jovens também é latente, reafirmando o seu olhar de que o curso de Geografia é composto por pessoas jovens, contudo, não é inexistente a presença de adultas e idosas.

Sob outra perspectiva, foi identificado que no curso noturno os estudantes são compostos por jovens, adultos e idosos. Isso nos permite refletir que este turno foi escolhido em razão destes indivíduos ter que conciliar os estudos, o trabalho, a família, entre outras responsabilidades e por isso que há uma diversidade mais ampla no quesito etário. O estudo de Souza, Sá e Castro (2019) dialoga com essa informação e aponta que, devido a esses afazeres, os alunos do turno noturno muitas vezes são submetidos à evasão escolar. É importante colocar que o público do curso noturno não tem somente pessoas que estão realizando o primeiro curso superior, mas também há aqueles que já são formados e veem na Geografia uma possibilidade de trocar de carreira, assim como há alguns que apresentam a vontade de cursá-la por satisfação pessoal ou pela simples mudança de curso. A entrevistada destacou também a significância de ter pessoas com idades variadas na sua trajetória acadêmica, visto que lhe proporcionou trocas de experiências sobre a vida.

Através da pergunta “você acredita que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras? Por quê?”, ambas relatam a ausência dessas discussões durante o ensino básico, fator esse que as fizeram desconhecer o movimento como um todo durante a maior parte de suas vidas. O ingresso na universidade proporcionou para elas o acesso a leituras e discussões que as fizeram mergulhar dentro do feminismo negro, assim como foi tida a compreensão de que ele é importante para o entendimento e transformação na vida das mulheres negras. Tereza de Benguela salienta o quanto é significativo ler autoras negras na medida que nos é permitido nos identificarmos com suas narrativas, assim como foi relevante seu apontamento de que o feminismo negro por muito tempo ficou restrito aos debates universitários e isso nos possibilita compreender o porquê esses debates não atingiram a educação básica. Aqualtune ao trazer sua trajetória escolar complementa a fala da participante anterior, dado que o acesso as pautas feministas, sobretudo o feminismo negro, lhe permitiu um

maior entendimento sobre o feminismo e ao racismo, contribuindo para seu crescimento pessoal e intelectual. Contudo, também é evidenciado que no início do movimento feminista as pautas raciais não eram contempladas e nos é dito que:

“[...] lendo até um dos livros da autora Bell Hooks, nós vemos que durante o começo do movimento, ele não pautava as questões raciais. Então por mais que fosse um movimento que estivesse ali em prol dos direitos das mulheres, as mulheres negras não estavam sendo contempladas, se essa questão racial não é discutida, então logo isso não me representa. Eu estou me colocando como uma mulher negra aqui falando, no começo da existência desse movimento, aquilo não me representava, pois não tinha uma discussão sobre a minha existência.” – Aqualtune

Sendo assim, é reforçado a importância de consumir as obras das autoras negras, visto que seus apontamentos permitiu uma visão mais crítica para a entrevistada, pois ao não ser abordado as questões raciais, as mulheres negras eram excluídas dos debates feministas e dos impactos positivos advindos deles. Quando Aqualtune expressa “aquilo não me representava”, demonstra o sentimento que muitas mulheres negras tiveram em relação ao movimento feminista nos seus primórdios, pois sua existência era inexistente, uma de suas principais características não eram um tema importante naquele momento.

Quando perguntadas: “você já foi vítima de racismo? Você se sentiria confortável em compartilhar alguma situação de racismo vivenciada?”, as participantes trouxeram diferentes situações pelas quais vivenciaram o racismo em suas vidas, tendo como ponto em comum em suas falas o racismo sofrido ambiente educacional. Segue a nuvem de palavras abaixo acerca do questionamento abordado anteriormente.

Figura 1 – Nuvem de palavras



Fonte: Organização os autores (2024), Elaboração: Voyant Tools (2024).

As palavras em maior destaque são: “racismo”, “cabelo”, “sofri”, “nariz”, “família”, “negra”, “pesquisa” e “ensino”. Esses termos emergidos nos fazem refletir o quanto o racismo ainda é uma realidade na vida das pessoas negras, sobretudo para as entrevistadas. A família, por sua vez, surge como reproduutora do racismo estrutural. O ensino e a pesquisa aparecem aqui como uma possibilidade de entendermos melhor as questões raciais. Sobre isso nos dito que:

“Eu só tive o entendimento de algumas coisas depois que eu entrei no ensino superior e eu posso falar tranquilamente, antes de entrar na faculdade... eu até

uma vez cheguei a comentar, com alguns amigos e falei assim: nós observamos tantas situações de racismo nos noticiários, pessoas que morrem por causa disso... enfim, sabe, e pô, eu sou sortuda, nunca aconteceu comigo até então, tive sorte de que essas coisas não aconteceram comigo e tudo mais. Só que ao ter acesso a alguns materiais durante a graduação, fazer terapia também, eu percebo que eu sempre sofri racismo na minha vida.” – Aqualtune

Desta maneira, é perceptível a influência positiva que a universidade teve para a entrevistada na medida que possibilitou o acesso a materiais, assim como o entendimento sobre as questões raciais em si própria enquanto mulher negra que sofreu e ainda, infelizmente, sofre com o racismo. A fala de Aqualtune também nos convida a refletir o quanto a compreensão acerca das questões raciais é um processo complexo, assim como vai além das experiências individuais que negras e negros tiveram.

De outro ângulo, a entrevistada também retrata que os primeiros contatos com o racismo se deram dentro do seu próprio núcleo familiar, evidenciando o racismo estrutural que permeia a nossa sociedade. Ela relata que, comentários negativos sobre a aparência das pessoas negras tem o poder de fazê-las odiar seus traços, influenciando-as a alterarem seus cabelos de crespo e cacheado para liso, bem como o nariz “abatatado” para o reto, reforçando um padrão imposto pela sociedade e tido como bonito. Schucman e Gonçalves (2017) validam a questão do racismo reproduzido pela própria família ao retratar conflitos intrafamiliares onde o ideal estético branco serviu como referência ao belo, bem como a ideia de superioridade racial.

O ambiente educacional, por sua vez, por mais progressista que aparenta ser, ainda é um lócus que não erradicou totalmente todos os tipos de preconceitos, sobretudo, os preconceitos raciais, assim como ainda não está preparado o suficiente para enfrentar essas problemáticas entranhadas nas instituições de ensino. Acerca disso, nossa entrevistada nos relata que:

“Eu sofri muito racismo na faculdade particular, então, tipo, eu tinha colegas que não se sentavam perto de mim, porque eu já tava numa época que eu não alisava mais o meu cabelo, então eu tava fazendo a transição, então eu tava com metade liso e metade assim (aponta para o cabelo), era horrível. E era muito feio, sabe? E daí, as gurias não sentavam perto de mim, não queriam falar comigo, tinha umas que me olhavam de cima a baixo, tipo: que que tá fazendo aqui... Porque eu não tinha as roupas que elas usavam também, sabe? E daí, só queriam se aproximar de mim pra ganhar nota, que nem eu tinha te falado. Quando eu falava alguma coisa em aula, me atacando de algum jeito e eu tendo que aguentar aquilo. E foi um dos motivos, também, pelo qual eu não consegui ficar. Porque aquilo machucou muito. Outra coisa, quando eu estava procurando estágio, dentro da publicidade, as mesmas coisas aconteceram. Tipo, eu ia procurar uma agência de publicidade, que é um lugar super branco, super elitista, e as pessoas olhavam pra mim de cima a baixo, não falavam, mas a gente sente.” – Tereza de Benguela

Desta forma, observamos que fato de estar passando pelo processo de transição capilar, fez com que Tereza de Benguela fosse excluída e sofresse com as atitudes preconceituosas por parte das outras colegas e mulheres brancas e, reforçando mais

uma vez, como a pressão estética persegue as mulheres negras. O impacto negativo ocorrido devido ao racismo estrutural nesses lugares, infelizmente, fez com que a participante desistisse de ocupar aquele lugar que era seu devido aos seus esforços para estar ali.

A partir da pergunta “como você pretende abordar as questões raciais em suas aulas?”, as jovens entrevistadas trouxeram várias contribuições significativas de como promover uma educação antirracista em sala de aula, sendo o tópico dos territórios negros na cidade sede da Universidade o ponto de intersecção em suas falas. Na sequência, será exibido uma nuvem de palavras com os termos mais emergentes.

Figura 2 – Nuvem de palavras



Fonte: Organização: os autores (2024), Elaboração: Voyant Tools (2024).

Ao analisarmos a nuvem de palavras, visualizamos que os termos mais recorrentes foram: “importante”, “negros”, “ensino”, “aula”, “territórios”, “trabalhar” e “representatividade”. Essas palavras demonstram a importância de trabalhar com os alunos as questões raciais na sua cidade, por exemplo, evidenciando uma representatividade que muitas vezes é invisibilizada para eles. A relevância de abordar que existem territórios negros na cidade se dá na fala das entrevistadas quando discutem:

[...] mas nunca teve essa discussão: nossa, existiram territórios negros em [cidade da Universidade]. No meu ensino fundamental não teve, no meu ensino médio não teve, durante o meu cursinho já começou a surgir alguma coisa e no meu ensino superior isso emergiu. Então, essa questão de trazer essa [cidade da Universidade] negra nas minhas futuras aulas de Geografia eu vejo que é muito importante. Eu poderia ter olhado, ter tido uma visão de [cidade da Universidade] muito mais aprofundada se isso tivesse sido discutido durante o meu ensino fundamental e durante o meu ensino médio. Todos os aniversários de [cidade da Universidade], cadê os territórios negros, sabe? Por que isso não foi discutido? Na hora de comer feijoada e de rapadura todo mundo gosta, mas falar que esses produtos eram comercializados na praça da alfândega de [cidade da Universidade] e que eram mulheres negras escravizadas que vendiam, poxa, sabe? Olha a história aí! Olha a contextualização. Então, eu quero abordar essas coisas nas minhas futuras aulas porque eu acredito que é muito importante ter essas informações.” – Aqualtune

“[...] eu amo cutucar as professoras, agora como estagiária pelo menos, eu chego assim na escola e falo: vocês trabalham com ERER³? Eu já chego assim. E daí, essa experiência que eu tive foi muito legal que consegui trabalhar com comunidades quilombolas. Então, com certeza, eu vou trabalhar com o que envolve já a minha pesquisa, que é comunidades quilombolas e territórios negros e a [cidade da Universidade]. O negro na [cidade da Universidade], a negra na [cidade da Universidade], os quilombolas, os indígenas. Eu acho que esses assuntos que eu quero trazer pra minha aula de Geografia, eu acho que esses são os norteadores, suleadores, sei lá, mas eles são os eixos que eu quero que as minhas aulas estejam sempre envolvidas. Então, sempre voltar pro quilombo, sempre voltar pra comunidade indígena, por mais que eu esteja trabalhando globalização, esteja trabalhando Europa, por mais que eu esteja trabalhando a América Latina, sempre tentar voltar porque essas comunidades, elas estão na [cidade da Universidade] e elas estão sofrendo, sempre pela especulação imobiliária, por diversos outros atores. Então, é muito bom que os jovens conheçam, fiquem por dentro e percebam, se percebam também, porque a maioria dos jovens das escolas públicas são negros, pelo menos agora, quando eu dei aula. Metade da minha turma era negra.” – Tereza de Benguela

Dessa forma, observamos que a invisibilidade acerca de discussões da presença e ocupação de pessoas negras na cidade da Universidade estudada foi uma constante nos desdobramentos da trajetória escolar da participante. Ela destaca o quanto é relevante trazer na contextualização histórica que os negros foram e são parte dessa cidade e, portanto, são protagonistas importantes que merecem uma visibilidade maior, assim como seus territórios demarcados espacialmente. Os estudos de Vieira (2017) vão ao encontro da ideia anterior quando afirmam que a cidade da instituição analisada é marcada pela presença negra, assim como os territórios negros como conhecemos hoje, eles já foram espaços de práticas culturais como o Carnaval e foram moradias de muitas famílias negras.

Já a segunda participante, além de também exaltar a abordagem da presença negra na cidade, ela ressalta o quanto é significante uma transversalidade dessa temática com outros conteúdos da Geografia, visto que é possibilidade de entendermos a realidade das comunidades negras em âmbito global, bem como os desafios que as envolvem. A representatividade negra ao ser trabalhada em sala de aula, possibilita aos alunos negros a compreenderem que a história que está sendo trazida ali também se trata deles. Por outro lado, também é importante que os educadores tenham um papel ativo ao presenciarem atitudes racistas no contexto escolar e fora dele também, pois nos é dito que:

“Quando eu presenciar qualquer atitude racista de algum aluno, enfim, eu interviro, sabe? Intervir. Eu quero que a Aqualtune da infância tenha orgulho da professora que vou me tornar e não ser aquela professora que viu aquela criança sofrer e por muitas vezes chorar no banheiro, sabe? Ter alguém que vá lá e diga: isso é errado, isso é crime.” – Aqualtune

³ Educação para as Relações Étnico-raciais.

Dessa forma, compreendemos o quanto é importante que professoras e professores não tenham uma postura passiva diante de situações de racismo, principalmente, quando ocorre dentro da sua sala de aula. Sendo assim, a entrevistada apoiada na sua criança interior almeja ser uma profissional que promove um ambiente escolar no qual o respeito as pessoas negras sejam realmente realizadas, assim como para as demais pessoas.

Além da representatividade de pessoas negras nos diferentes espaços e ocupações profissionais, também é significativo levar textos e livros produzidos por esses sujeitos para que os alunos os conheçam e os consumam. A invisibilidade de pessoas negras importantes também se dá no contexto literário como podemos observar nesse trecho:

“Ninguém nunca me disse que o Milton Santos, uma figura importantíssima pra Geografia, é um homem negro. Então, referências, pega e mostra. Ó, Milton Santos, tá vendo esse rapaz aqui maravilhoso que discute espaço geográfico? É uma pessoa negra, é referência, temos que nos espelhar nele. Bell Hooks, olha só, outra professora importante, olha só, ela existe, ela fez isso aqui, olha que importante. Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras no Brasil... E daí conhecemos ela como? Eu não sabia que ela existia até fazer o vestibular e essa leitura ser obrigatória. Então, é importante também mostrar que pessoas negras estão produzindo trabalhos, estão produzindo livros... literatura, seja acadêmica, fictícia, enfim, essas pessoas estão criando. [...] Nós fazemos parte da história e nós não podemos deixar que os nossos ancestrais e os nossos colegas morram. Nós temos que perpetuar a existência. Então é isso, sabe? Mostrar que essas pessoas existem, existiram e que elas foram importantes. Não botar a gente como pessoas negras naquele lugar de... bah, não vale nada, é isso e aquilo. Nós valemos sim, nós somos importantes, nós existimos, nós fazemos ciência, nós escrevemos livros, nós escrevemos artigos e é isso. Não podemos deixar a nossa marca jamais morrer.” – Aqualtune

Desse modo, reconhecer os trabalhos acadêmicos e literários realizados por mulheres negras e homens negros é muito importante, uma vez que destaca suas contribuições para a sociedade, fortalece a identidade negra, bem como também são exemplos de pessoas de sucesso, as quais merecem uma maior visibilidade, reconhecimento e respeito.

A cultura afro-brasileira também é um elemento importante de ser trabalhado em sala de aula, visto que possibilita aos alunos e a comunidade escolar um contato maior com diferentes movimentos artísticos, religiosos, musicais e/ou gastronômicos. Sobre isso nos é dito que:

“[...] pretendo muito trabalhar com capoeira, porque na capoeira não é só o movimento, é também a musicalidade. Dentro da musicalidade tem uma aula de geografia absurda, então eu quero ainda ter essa oportunidade de trabalhar com os meus alunos, essas musicalidades e também a religiosidade, porque dentro da religiosidade africana existem outras línguas como o banto e iorubá. Eu quero poder que eles percebam essas outras línguas, não é só inglês, não é só espanhol, existem línguas africanas que estão vivas no nosso português hoje. Então eu quero muito, eu acho que a parte mais legal de dar aula é poder trabalhar com as questões étnico-raciais, e sempre se voltar pra isso, porque é

infinito, não é uma coisa que acaba aqui, não é uma coisa que acaba no Dia da Consciência Negra, no 20 de novembro, no 13 de maio.” – Tereza de Benguela

Ao integrar a cultura afro-brasileira no ensino de Geografia, enriquecemos os conteúdos trabalhados, evidenciando a valorização da diversidade cultural que molda o Brasil. A capoeira ao ser integrada no contexto escolar, não somente se tratará dos movimentos corporais realizados durante o ato, mas também é uma forma de mergulharmos na musicalidade envolvida e refletirmos sobre a história que ela está contando. A religiosidade e as línguas africanas também são pontos importantes de serem ressaltados, pois demonstra o quanto a nossa cultura tem suas raízes ligadas a toda uma ancestralidade africana e que por muitas vezes não nos damos conta disso no dia a dia.

Quanto a pergunta “como está sendo a sua formação inicial em Geografia? Quais são os aspectos a destacar positivamente e negativamente?”, as participantes levantaram diferentes perspectivas que consideram boas e ruins, sendo o acesso ao conhecimento o ponto que convergem. Dessa maneira, foram construídas duas tabelas, sendo uma para cada participante. Nelas estão organizadas o que foi considerado favorável ou desfavorável na sua formação inicial, assim como será apresentado uma explanação sobre a visão de cada participante. Segue abaixo os quadros das participantes.

Quadro 1 – Aspectos positivos e negativos no curso de Geografia

Formação inicial em Geografia - Aqualtune	
Aspectos positivos	Aspectos negativos
Acesso ao conhecimento	Contato tardio com a escola
Trabalho de campo	Competitividade acadêmica
Iniciação Científica	Atividade extracurricular
Participação de eventos acadêmicos	Desarticulação entre a teoria e as práticas pedagógicas
Acesso a laboratórios e museus	
Acesso as bibliotecas	
Acesso a informática	

Fonte: Organização dos autores (2024).

Do ponto de vista das potencialidades, o acesso ao conhecimento se fez presente na medida que proporcionou para Aqualtune uma ampliação do seu saber acerca de assuntos que ela conhecia e os que desconhecia, os quais proporcionaram debates sobre temas importantes dentro e fora da Geografia. Os trabalhos de campo ao longo da graduação foram muito relevantes, visto que possibilitaram a articulação entre a teoria e prática dos conteúdos estudados. Nesse sentido, Oliveira e Santos (2022) chamam atenção de que as saídas de campo também são uma maneira de aproximar os alunos daquilo é estudado em sala de aula, tornando seu entendimento menos abstrato. Envolver-se em bolsas de Iniciação Científica também é muito significativo, pois aproximam os estudantes da experiência de como desenvolver um projeto de pesquisa,

assim como vivenciam a rotina de ser um pesquisador. Ao participar de eventos acadêmicos dentro e fora da universidade foi possível ter contato com diferentes pesquisadores, assim como é uma forma de divulgar o que se vem produzindo em projetos de pesquisa, por exemplo. O acesso a laboratórios e museus, por sua vez, contribuiu para que sua formação envolvesse experiências práticas significativas. Já o acesso a biblioteca e a informática permitiu que seus estudos fossem realizados na própria universidade, bem como possibilitou o acesso a materiais e softwares que só podem ser utilizados lá.

Quanto aos aspectos negativos, foi trazido que o contato da metade para o final do curso com as escolas foi ruim, pois não foi possível desenvolver uma identidade docente e nem de experienciar uma rotina escolar ao longo da graduação. A competitividade acadêmica entre os alunos do curso também é uma variável desagradável, visto que cria um ambiente de pressão exagerada para passar uns na frente dos outros, assim como possibilita um clima de tensão entre os estudantes. As atividades extracurriculares como bolsas de pesquisa e monitorias por si só não são atividades negativas, contudo, quando interfere nos seus estudos pelo excesso de coisas que precisam ser feitas, pode influenciar na queda das suas notas nas disciplinas, assim como pode causar cansaço mental. Por último, a desarticulação entre a teoria geográfica com as práticas pedagógicas nas disciplinas cursadas também é um ponto a ser discutido, dado que dificulta a desenvoltura dos estudantes nos estágios obrigatórios, ou seja, dificultando as transposições didáticas.

De modo geral, sob a visão de Aqualtune, sua formação inicial em Geografia foi muito positiva, assim como lhe permitiu crescer enquanto indivíduo e profissionalmente. Ela nos diz que:

“[...] Então, todas essas coisas no meu percurso enquanto estudante do curso de Geografia foi muito positivo. Eu penso na Aqualtune de 2018/1 que chegou na faculdade. Tinha informação, mas não tanta informação quanto eu tenho hoje. Eu me transformei. Eu era uma mulher quando eu entrei no curso, estou saindo do curso sendo outra mulher, transformada! Mas vê o quanto eu cresci e o que o curso me permitiu crescer, é muito legal.” – Aqualtune

Dessa forma, percebemos o quanto o curso de Geografia foi um divisor de águas para a entrevistada na medida que não apenas adquiriu o conhecimento científico, mas também lhe permitiu um crescimento pessoal.

Quadro 2 – Aspectos positivos e negativos no curso de Geografia

Formação inicial em Geografia – Tereza de Benguela	
Aspectos positivos	Aspectos negativos
Acesso ao conhecimento	Maior exigência
Atualização constante	Sobrecarga de atividades

Fonte: Organização dos autores (2024).

Sobre as fortalezas da formação inicial em Geografia, Tereza de Benguela ressalta que o acesso à informação lhe permitiu ampliar seu conhecimento, assim como a oportunizou trabalhar com as próprias questões emocionais e com suas experiências de vida, além de constituir sua identidade docente. Ser professor/a é atualizar-se constantemente e isso é um aspecto positivo, visto que todos os dias temos a possibilidade de aprendermos algo novo, assim como surgem novos conhecimentos e tecnologias que são úteis na nossa constituição enquanto educadores. A área da Geografia e da Educação são muito amplas, o que nos permite explorar diferentes abordagens que propiciem o aprendizado contínuo.

Como pontos desfavoráveis, a participante aponta que o curso de Licenciatura é mais pesado e exigente que o curso de Bacharelado, uma vez que o primeiro possui quatro estágios obrigatórios, enquanto o segundo possui apenas um, bem como os professores cobram que os alunos atinjam um nível alto para, assim, avançarem. A sobrecarga de atividades se dá, principalmente, pelo nível de alto de exigência em que cobram os alunos, lhes proporcionando muitas vezes estresse e cansaço mental, sentimentos esses que atrapalham no seu rendimento acadêmico.

Em contraste com a outra participante, Tereza de Benguela já realizou o curso de Bacharelado em Geografia e agora na Licenciatura, observa que o outro curso é mais exigente e cansativo e ela nos relata que:

“Quando eu entrei no bacharelado foi muito bom, amei, foi maravilhoso! Daí terminei, mas agora na licenciatura, eu tô achando a licenciatura mais difícil que o bacharelado, bem exigente, bem exigente, bem cansativa, eu tô bem estressada por conta dessa essa exigência tanto dos professores da faculdade de educação, quanto dos professores da Geografia. [...] Tipo, às vezes eu fico pensando: caramba, para ser uma professora boa, eu vou ter que fazer mestrado e doutorado e daí é que eu vou ser uma professora, 100% professora, pra poder trabalhar, ganhando uma remuneração um pouquinho melhor. Então, eu fico meio assim, sabe? Claro que pra ser geógrafo também precisa de mestrado e doutorado e tal. Mas... Sei lá. Parece que nunca vai acabar.” –Tereza de Benguela

Sendo assim, observando sua narrativa, as altas exigências e expectativas que os docentes cobram dos alunos muitas vezes lhes causam um cansaço grande, fator esse que acaba os desmotivando muitas vezes. Também é possível analisar que por ter toda essa exigência em cima dos alunos, a demanda acadêmica parece não ter fim e que eles precisam cada vez mais qualificar-se.

Quanto ao questionamento “como você percebe a inserção da Geografia nas discussões de gênero, raça e juventude?”, ambas as participantes reconhecem que a Geografia está presente nesses três eixos temáticos, contudo, Aqualtune apresenta uma segunda perspectiva de análise do ponto de vista da intersecção. Sobre a inserção da Geografia nas temáticas abordadas anteriormente, as participantes nos dizem que:

“Agora, se eu pego geografia e gênero, olha, já tem discussões, já tem bastante discussões sobre isso. Se eu pego geografia e racismo, olha, já tem mais um pouco de discussão sobre isso. Se eu pego geografia e juventude, olha, também tem um outro tanto. Mas eu percebo que assim, se pegar essa questão de

formação inicial de professor, ou até de continuada, gênero, raça e juventude, olha, juntando esses quatro eixos, não tem. Não é que nunca se falou sobre isso. Se fala, mas é muito pouco. As questões de gênero ali, falando das questões das mulheres, a questão do racismo e até a questão das juventudes, sabe? Trazendo tudo isso junto é muito pouco. Existe, mas é muito pouco, é muito restrito. E eu acho que cabe nós, futuros professores de geografia, fazer com que essas discussões aconteçam, porque são importantes.” – Aqualtune

“A geografia é muito presente nessas questões, na discussão de gênero, raça e juventude e, principalmente, porque essas questões elas não tão descoladas do espaço e nem do tempo, então esses objetos que a geografia trabalha muito. Então a raça, a gente pode ver o corpo, o corpo território, a raça estão ligadas na geografia, no espaço e a gente vê isso na nossa cidade com os quilombos, com as comunidades indígenas, a gente vê essa distribuição espacial. As questões de juventude eu não manjo muito, que é discussões como a geografia está inserida. Mas a geografia se preocupa muito com a população e a juventude faz parte da população, então eu vejo que a geografia vai se preocupar com os jovens, vai se preocupar com os espaços que os jovens frequentam, vai se preocupar com as escolas porque a escola também é um espaço. E o gênero, a geografia vai se preocupar com o gênero, principalmente quando a gente fala das desigualdades de gênero, a geografia se preocupa muito assim dos espaços que as mulheres estão ocupando, os espaços que os homens estão ocupando, quais os cargos de poder, se as mulheres estão chegando nesses cargos de poder, então eu vejo que a geografia discute muito essas questões.” – Tereza de Benguela

Dessa maneira, até certo ponto as entrevistadas indicam que a Geografia está inserida nas discussões de gênero, raça e juventude por se tratar de temáticas que estão ligadas ao espaço geográfico e ao tempo. Verificamos a importância dessas temáticas ao averiguarmos os estudos que apontam no sentido das falas das entrevistadas. Sobre a questão da raça, Marcelino (2020) nos mostra que foi necessário grandes esforços para trazer ao debate que a Geografia Moderna em sua gênese apresentava características de imposição do pensamento eurocêntrico. Com o surgimento da Geografia Decolonial, já é permitido uma ressignificação desse pensamento, viabilizando o combate das ideologias dominantes que reforçavam o racismo e a colonialidade do poder, revelando, desse modo, a necessidade de tratar questões sobre raça. Em questão de gênero, Fraga e Martins (2023) nos mostram que os estudos da temática gênero na Geografia são muito relevantes, uma vez que é possibilitado o entendimento acerca das relações de poder e das desigualdades que as mulheres enfrentam nos espaços pelos quais ocupam, para assim, pensarmos na constituição de uma sociedade mais igualitária. Sobre as juventudes, de acordo com Oliveira (2023), a Geografia exerce um papel relevante nos debates sobre as juventudes na medida que é permitido entendê-las como um fenômeno social, assim como as diferentes espacialidades na qual estão inseridas podem ter um impacto positivo ou negativo nas oportunidades que lhes surgem, bem como afetam os demais jovens ou pessoas que estão ao seu redor.

Entretanto, Aqualtune chama a atenção de que ao agrupar os três eixos, não há uma produção significativa acerca delas, bem como quando é incluído as questões de

formação inicial e continuada. Sendo assim, a participante ressalta a relevância de produzir mais trabalhos que abordem os 3 temas de maneira conjunta.

Por último, foi questionado “que recomendações você daria para as futuras jovens professoras negras de Geografia?” e, quanto a isso, as jovens entrevistadas elencaram uma série de sugestões que podem auxiliar na permanência das futuras estudantes na universidade, sendo a afirmação “não desista da Geografia” o elemento que levantaram de semelhante. A seguir será apresentado os quadros 4 e 5, as quais trata-se das recomendações que cada participante compartilhou e a explanação sobre elas.

Quadro 3 – Recomendações para as futuras jovens professoras negras de Geografia

Recomendações da Aqualtune
<ul style="list-style-type: none"> • Não desista da Geografia • Participe de programas extracurriculares • Cuida da tua saúde mental • Estude além do que vê nas aulas • Ignore comentários negativos • Viva a universidade intensamente • Busque coisas fora da Geografia • Aprenda uma segunda língua • Monta um acervo de livros em casa

Fonte: Organização dos autores (2024).

Primeiramente, Aqualtune as aconselha a não desistirem do curso de Geografia, pois é um curso incrível que lhe permite crescer enquanto indivíduo e como docente, entretanto, nem tudo ao longo da realização dele será de acordo com suas preferências, bem como foi ressaltado lembrar do porquê escolheu este curso e que o seu espaço ali deve ser ocupado. Participar de atividades extracurriculares como bolsas de Iniciação Científica, Monitorias Acadêmicas, projetos de extensão, PIBID ou residência pedagógica é muito importante, visto que as aproximarão dos espaços de atuação docente e enquanto pesquisadora, assim como promoverá o trabalho colaborativo entre os estudantes. Também é relevante cuidar da própria saúde mental na medida que observar que as atividades curriculares e extracurriculares estão lhe causando cansaço mental e físico, o que pode resultar na queda das notas ou o abandono do curso. A entrevistada reforça o incentivo de estudar além do que se vê na sala de aula, incluindo a leitura de jornais e livros, assim como no consumo de documentários e filmes, ampliando ainda mais seus conhecimentos em escala global. Ela também salienta ignorar comentários negativos, principalmente, durante a realização dos estágios obrigatórios quando algum professor veterano faz perguntas ou comentários desagradáveis.

Quando é dito: “viva a universidade intensamente”, ela se refere a participar de tudo que estiver ao seu alcance, seja eventos acadêmicos, seja na produção científica.

Aqualtune também incentiva as jovens futuras professoras negras a não terem medo de buscarem coisas fora da Geografia como, por exemplo, pegarem disciplinas em outros cursos para ampliarem ainda mais seu conhecimento. Aprender uma segunda língua é muito significativo, uma vez que lhes permite consumir obras e trabalhos de teóricos estrangeiros que não tem tradução para o português, bem como as ajudará em viagens internacionais. Por último, é recomendado montar um acervo de livros em casa e no computador, pois sempre terá a sua disposição onde consultar.

Quadro 4 – Recomendações para as futuras jovens professoras negras de Geografia

Recomendações da Tereza de Benguela
<ul style="list-style-type: none">• Não desista da Geografia• Conheça mestras e mestres da cultura negra• Conheça os espaços de manifestação cultural negra• Escute as professoras negras mais velhas• Trabalhe com ERER• Empondere a si mesma e aos outros

Fonte: Organização dos autores (2024).

No ponto de vista da Tereza de Benguela, é recomendado para as futuras estudantes negras do curso de Licenciatura em Geografia a continuarem no curso e a não desistirem dele de imediato. Ela ressalta a importância conhecer e aprender com as mestras e os mestres da cultura negra, visto que os conhecimentos que eles possuem acerca da cultura afro-brasileira são muito profundos, assim como é uma maneira de perpetuar a cultura africana que é essencialmente oral, além de tornar-se uma representante da cultura negra também e levar esses aprendizados para seu trabalho enquanto docente. A participante as incentiva a conhecerem os diferentes espaços de manifestação cultural negra, pois são ambientes em que se aprende sobre infinitas coisas que são invisibilizadas socialmente ou que simplesmente vão se esquecendo nos desdobramentos do tempo. Tereza de Benguela também sugere que elas escutem o que as professoras negras mais velhas têm para compartilhar, tendo em vista que suas experiências de vida são informações importantes que merecem atenção e respeito. Incorporar o ERER no seu trabalho enquanto professora, não somente promoverá uma educação antirracista que contribua para a construção da cidadania dos alunos, mas também é uma forma de empoderar-se enquanto mulher negra e a partir disso empoderar outras mulheres e homens que são negros no ambiente educacional.

Conclusões

A formação inicial de professores, por sua vez, configura-se como uma relevante temática nas discussões acadêmicas na medida que é demonstrado os processos que envolvem o campo educacional, assim como a formação de professores está sendo

realizada. Dessa maneira, os cursos de licenciatura visam proporcionar aos estudantes a instrumentalização necessária para que se tornem bons docentes e que promovam a si mesmos e aos alunos o exercício do pensamento crítico e reflexivo. Nesse sentido, os espaços extracurriculares de aprendizagem também é maneira de enriquecer essa formação inicial, uma vez que aproxima os discentes da escola, assim como do ambiente que o professor pesquisador exerce seus trabalhos e projetos. Entretanto, é importante ressaltar que a formação inicial de professores também enfrenta desafios no ponto de vista curricular, causando a desarticulação entre viés teórico e o pedagógico, principalmente no que se refere a Geografia.

As pesquisas acerca da temática das juventudes são extremamente importantes, pois nos permite compreender como os jovens se manifestam socialmente e como ocupam os diferentes espaços das cidades. A heterogeneidade é o principal elemento para entendermos as juventudes, visto que as diferenças entre os jovens evidenciam que ser e estar jovem no mundo é manifestado de maneira única nos diversos contextos que existem. No Brasil, ser um jovem negro é especialmente desafiador devido ao racismo estrutural, que dificulta o acesso dessas pessoas à educação, ao mercado de trabalho e aos serviços de saúde. Nesse contexto, as políticas públicas são fundamentais, pois possibilitaram a inclusão das juventudes negras nesses espaços, proporcionando uma justiça social e o combate ao racismo.

Outro tema importante a se considerar nesta pesquisa é o feminismo, o qual é um movimento político e social que amplia os debates das questões de gênero na medida que ambos lutam contra a opressão patriarcal, bem como visam proporcionar a igualdade de gênero na sociedade, a sororidade e o empoderamento feminino. Por outro lado, o feminismo negro vai nascer da necessidade de inserir as questões raciais dentro do movimento feminista, visto que nos seus primórdios era um assunto inexistente. As discussões e os trabalhos desse campo são extremamente importantes, pois buscam possibilitar a igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, ao mesmo tempo em que abrem espaço para abordar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe social.

Ao estudarmos e discutirmos as questões raciais, é essencial reconhecer que o racismo ainda está, infelizmente, presente na vida das populações negras no Brasil e em outros países também. A história do nosso país é demarcada pela escravidão, pela ideologia eugênica e por políticas públicas segregatórias, as quais deixaram profundas cicatrizes na sociedade, sobretudo, para as pessoas negras. Compreendendo esse contexto histórico e social, fica evidente que o combate a esse tipo de discriminação exige o envolvimento de todos os indivíduos, tornando-se uma luta coletiva por justiça e igualdade social. Por outro lado, a representatividade de mulheres e homens negros em diferentes profissões e em espaços onde antes sua ausência era evidente é extremamente significativa na medida que essas presenças inspiram outras pessoas negras.

Da perspectiva do público do curso de Geografia, as entrevistadas apresentaram um contraponto em suas contribuições. Sendo o período diurno identificado como de pessoas jovens predominantemente, o quais recém ingressaram no ensino superior assim que concluíram o ensino médio, ou não; assim como uma parcela dos estudantes ainda não trabalham concomitantemente com os seus estudos. Já no período noturno é contemplado a presença jovens, adultos e idosos, os quais possivelmente escolheram esse turno para tentar conciliar os estudos, o seu trabalho, as suas famílias, entre outras responsabilidades.

As estudantes afirmam que o feminismo negro contribui para o empoderamento das mulheres negras e o quanto foi significativo para elas terem o contato com essa temática nos desdobramentos da graduação, visto que no ensino básico delas foi inexiste o contato e o debate sobre o movimento feminista, sobretudo, o feminismo negro. Também foi levantado que o consumo de obras realizadas por mulheres negras é muito importante para suas compreensões pessoais e interpessoais, assim como proporcionou a ressignificação dos traços negros.

A partir do questionamento do racismo vivenciado, percebemos que essa é uma triste realidade que acompanha muitas pessoas negras e para as participantes não foi diferente. O ingresso na universidade nesse sentido foi positivo, pois foi possibilitado uma melhor compreensão acerca das discussões das questões raciais. Contudo, o ambiente educacional ainda não tem preparação suficiente para combater os preconceitos raciais que acontecem em suas dependências. Em contrapartida, a reprodução do racismo se dá também a partir do núcleo familiar, pois o racismo está estruturalmente impregnado na sociedade. Os comentários pejorativos em relação a aparência das pessoas negras não somente lhes provocam tristeza e baixa autoestima, mas também impulsiona o sentimento de ódio e a partir disso, acabam cedendo às pressões estéticas tidas como aceitáveis.

As jovens entrevistadas compartilharam diversas maneiras de abordar as questões raciais em suas aulas, sendo algumas delas por meio do trabalho com as questões raciais presente na cidade que residem, assim como através da transversalidade deste tema com outros conteúdos que compõem a Geografia e a partir de textos confeccionados por pessoas negras. Quanto aos aspectos positivos e negativos na sua formação inicial, o ponto de convergência favorável entre as entrevistadas foi na questão do acesso ao conhecimento; já a partir dos aspectos desfavoráveis, foi levantado o contato tardio com as escolas, assim como o curso de Licenciatura demonstra-se mais exigente quando comparado com o Bacharelado. Por outro lado, a inserção da Geografia nos debates sobre gênero, raça e juventude se faz presente por se tratar de temáticas que estão espacializadas, entretanto, é ressaltado que quando esses temas são agrupados, há pouca produção científica. Por último, como recomendações para as futuras docentes negras foi apontado viver a universidade intensamente e conhecer os mestres e mestras da cultura negra.

A presente investigação viabiliza pensarmos em novas dimensões a serem estudadas, possibilitando um aprofundamento maior acerca dos quatro eixos temáticos que foram abordados, tanto de maneira agrupada como em pesquisas tendo somente um destes eixos. Considerando que este estudo foi desenvolvido no ambiente universitário, durante a graduação especificamente, poderia ser explorado as trajetórias das jovens mulheres negras nos programas de pós-graduação da Geografia ou de outra disciplina. Esse enfoque poderia proporcionar compreensões importantes sobre as experiências tidas ao longo da formação continuada, além dos desafios que essas mulheres superaram nesse percurso, contribuindo para um entendimento mais abrangente das interseções entre a formação inicial docente em Geografia, as juventudes, e as questões de gênero e de raça em diferentes contextos. Em síntese, a confecção desses trabalhos e debates contribuem para uma sociedade mais justa e igualitária para todas as mulheres, especialmente para as mulheres negras, assim como enriquece o campo de pesquisa da Geografia e da Educação.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa edições, 1977.

BATISTA, Natália Lampert; DAVID, Cesar de; FELTRIN, Tascieli. Formação de professores de geografia no Brasil: considerações sobre políticas de formação docente e currículo escolar. **Revista de Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 23 e13, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/41062>. Acesso em: 11 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 23 abr. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 jan. 2023a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm. Acesso em: 23 abr. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. Na Geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XXVI, p. 59-68, jan./dez.

2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/revista_xxiv_1.html. Acesso em: 11 jun. 2024.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Currículo, educação geográfica e formação docente: desafios e perspectivas. **Revista Tamoios**, São Paulo, ano II, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/611>. Acesso em: 11 jun. 2024.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; VALLERIUS, Daniel Mallmann. A forma(ação) de professores de geografia: perguntas e certezas provisórias que nos movem. In: RICHTER, Denis; SOUZA, Lorena Francisco de; MENEZES, Priscylla Karoline de (org.). **Percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S./ l.], n. 35, p. 74-86, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O lugar como espacialidade na formação do professor de Geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S./l.] v. 1, n. 2, p. 1-18, 2011. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/39/28>. Acesso em: 23 abr. 2024.

COPATTI, Carina; CALLAI, Helena Copetti. Tensões e intenções entre professor de geografia e livro didático na prática docente. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 52-59, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/85527>. Acesso em: 11 jun. 2024.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

DIAS, Liz Cristiane; ROCKENBACH, Igor A. A formação inicial de professores de geografia em diferentes percepções: uma análise de revisão de literatura em periódicos científicos. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S./ l.], v. 1, n. 38, p. 5-21, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4936>. Acesso em: 11 jun. 2024.

FEIXA PAMPOLS, Carles. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. **Viviendo a toda:**

jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

FRAGA, Amábili; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski. Estudos de gênero no ensino de geografia: um entrelaçamento necessário. In: OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de et al. (org.). **Geografias e educação: singulares mãos docentes**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCELINO, Jonathan. As marcas da colonialidade: raça e racismo na produção do pensamento geográfico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S./l.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 435–457, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/871>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organizadoras: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LANDIM NETO, Francisco Otávio; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 1, n. 2, p. 160-179, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5528/552856443011.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; AQUIME, Rafaela Habib Souza; FRANCO, Ana Carolina Farias; PIANI, Pedro Paulo Freire. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S./l.], v. 12, n. 1, p. 164-176, 2017. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/1912. Acesso em: 24 maio. 2023.

MARCELINO, Jonathan. As marcas da colonialidade: raça e racismo na produção do pensamento geográfico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S./l.], v. 12, n. Ed. Especial, p. 435–457, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/871>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MELO, Natali.; LYRA, Keila Alves P. A importância do PIBID e do PIBIC: uma reflexão sobre programas de formação docente. **Iniciação Científica Cesumar**, [S./l.], v. 22, n. 1, p. 133-139, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17765/1518-1243.2020v22n1p133-139>.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos. quando a geografia faz história: memórias de professores de geografia e sua docência. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 11, n. 33, p. 64–74, 2022. DOI: 10.5281/zenodo.7059761. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/709>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Convergências e tensões na formação de professores de Geografia: a formação inicial do professor-debates. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 37-46, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3192/2331>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, Mônica Mendes. “Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito”. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 4, p. 61-83, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2366>. Acesso em: Acesso em: 25 abr. 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SOUZA, Ana Lucia Nunes de et al. Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre racismo estrutural e a feminização do cuidado. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 13-26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E101>. Acesso em: Acesso em: 25 abr. 2024.

SOUZA, Thays Santos; SÁ, Susana; CASTRO, Paulo Alexandre de. Evasão escolar no ensino superior: um estudo qualitativo via mapeamento de licenciaturas. **Revista Lusófona de Educação**, Campo Grande, v. 44, n. 44, p. 63-82, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/349/34962082006/34962082006.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Recebido em: 12/6/2025

Aprovado em: 3/7/2025